

A POLITIZAÇÃO DESPOLITIZADA

Nildo Viana

Hoje vivemos uma miséria intelectual que cresce no ritmo da internet, da “inteligência artificial” e dos gêneros musicais triviais do capital comunicacional que conseguiu o que tentou desde seus primeiros passos, especialmente a partir do início do século 20, com a emergência do capital fonográfico e do capital radiofônico, destruir em nome da mercantilização e do lucro a musicalidade de qualidade. Essa miséria intelectual não se vê apenas nas redes sociais virtuais; no uso indiscriminado e ingênuo das “inteligências artificiais”, entre diversos outros casos que poderiam ser citados. A classe dominante conseguiu atingir a política e a tornou tão miserável quanto todo o resto.

A política institucional (aparato estatal, governos, partidos, eleições, etc.) sempre foi miserável. Os anos eleitorais são épocas em que se armam os circos mais espalhafatosos e ridículos. A maioria da população sempre foi despolitizada ou desinteressada. As ilusões democráticas não iludem a maioria. A corrupção desestimula a participação. As trocas de governos periódicas nada alteram a não ser aparências e detalhes superficiais. O número de votantes, em média, é de 75% da população (as crianças e os idosos não votam – assim como em outras épocas os analfabetos, as mulheres, os operários –, além dos milhões de votos nulos, brancos e abstenções voluntárias) e o número de votos válidos gira em torno de 50%. A existência do “segundo turno” é uma tentativa de relegitimar a ilegítima democracia burguesa, pois no primeiro turno os votos se dispersam em diversos candidatos e o eleito geralmente gira em torno de 25% da população, ou seja, um quarto (Viana, 2010).

Porém, a situação hoje é diferente. A miséria da política institucional se intensificou e ampliou. Sem dúvida, a ascensão do paradigma subjetivista e a miséria cultural (que não é só musical) contribuem com isso. Um fenômeno novo, no entanto, emergiu com as dificuldades crescentes do capitalismo contemporâneo, comandado pelo regime de acumulação integral, especialmente as políticas neoliberais, promoveram uma intensificação da dominação cultural em

torno do discurso político. A estratégia foi politizar a população em torno de “ideologias políticas”¹ e discursos políticos simplificadores, visando gerar adesões, polarização, ilusões, etc. As crenças políticas tomam conta da população e – como toda crença – geram convicções políticas fortes. Diante dessas crenças políticas, a racionalidade, as informações e outros processos cognitivos se tornaram impotentes na maioria dos casos. E isso tudo ocorre sob o signo da politização. Tudo passa a ser “politizado”: filmes, séries, novelas, propagandas comerciais, empresas, consumo, sexualidade, moral, etc.

Essa “politização” tem duas faces: os produtores/autores se tornam “politizados” e os consumidores também. Os primeiros passam a fazer propaganda moralista (vinculada a um dos lados em disputa) em suas produções, além do posicionamento em redes sociais, etc. Assim, Hollywood e Netflix, por exemplo, fazem campanha para o moralismo subjetivista (a tese de que cada um faz o que quiser com seu corpo e sexualidade, por exemplo)², o chamado “politicamente correto”, o discurso em favor de determinados grupos sociais, a defesa de certas “identidades”, etc.³ Essa é a produção do progressismo neopopulista (tanto o burguês quanto o burocrático).

Mais recentemente, o conservantismo também começou suas produções intelectuais (e, surpreendentemente, em alguns casos, com produção de relativa qualidade formal)⁴. A mensagem,

¹ Não são exatamente ideologias, por lhes faltar sistematização. Sem dúvida, é possível colocar que as concepções neoliberais podem ser consideradas ideologias, mas o neoliberalismo simplificado que é divulgado não chegam nem ao nível de uma doutrina política, sendo mais uma crença. Ao lado da crença neoliberal, emerge as crenças conservantistas (e misturas, como o liberal-conservantismo), bem como o seu oposto – irmãos gêmeos, irmãos inimigos, para parafrasear Daniel Guérin (1969) –, o progressismo neopopulista.

² Isso revela apenas o mais rasteiro individualismo e, ao mesmo tempo, um grau mais elevado da hipocrisia, pois, se cada um faz o que quiser com seu corpo, então isso vale para todos e aí os conflitos seriam inevitáveis, mas essa “liberdade” é apenas para alguns setores da sociedade, pois a sociedade capitalista não pode permitir uma ampliação generalizada de ações individuais “livres”. Assim, gera a ilusão de liberdade (inclusive dos setores que supostamente podem usá-la, que pensam que andar com pouca roupa sem sofrer as consequências seria possível nessa sociedade, como se no capitalismo fosse possível se comportar tão livremente como em algumas sociedades indígenas) numa sociedade autocrática.

³ Para uma crítica do moralismo subjetivista, cf. Viana (2024).

⁴ Esse é o caso do filme “*Os Parecidos*”, de Isaac Ezban (México, 2015) no qual se critica o igualitarismo através do processo no qual todos os personagens ficam com a mesma aparência física e, no rádio, se noticia as lutas estudantis de 1968 no México. Apesar de ser uma obra conservadora, ela consegue ter um nível de criatividade elevado, melhor do que milhares de produções progressistas. Outro exemplo, especialmente no aspecto formal, é o documentário de Brasil Paralelo sobre música, no qual ao lado da crítica da música comercial e trivial, se faz a defesa da música clássica, especialmente a mais conservadora (Bach e seus vínculos religiosos). Alguns se espantam e perguntam “você assistiu isso?”, que é apenas mais um sinal do “espírito da época”, no qual assistir filmes ou documentários de concepções políticas conservadoras é algo impensável e aí só restaria saber como é que se discorda daquilo que não se conhece (para quem parte de uma perspectiva revolucionária, assistir ou ler o que se discorda é o mais comum – indo dos conservadores para os progressistas em suas diversas subdivisões – sendo raro achar algo que se concorda). A ideia de “bolha” hoje se aplica totalmente e é efetivada não só por causa dos “algoritmos” e relações pessoais, mas também pela intransigência, maniqueísmo e ignorância de dois lados polarizados.

no entanto, traz a moral conservantista ou liberal como elemento dominante. No caso dos conservantistas, “tradição, família, propriedade”, autoritarismo, nacionalismo, etc. No caso dos neoliberais e semelhantes, “liberdade individual”, mercado, empreendedorismo, etc. Os conservantistas têm menos apoio da classe capitalista e por isso suas produções não são a do grande capital (cinematográfico, televisivo, etc.) e por isso se concentram mais em formas marginais e nas redes sociais virtuais. Os neoliberais progressistas – que no plano moral se aproximam da moral subjetivista – já possuem os meios oligopolistas de comunicação. Os liberal-conservantistas, que defendem as concepções econômicas neoliberais e a moral conservantista, ficam no meio termo também em suas produções intelectuais.

Os consumidores também foram “politizados”, e surgiram os boicotes, o consumo dirigido para um suposto “espectro político”. A intensificação da politização transformou tudo em “política”. A ampliação da politização, derivada da intensificação, ocupou a vida cotidiana, o lazer, o gosto musical, a assistência aos filmes, as relações familiares, etc. Até mesmo chinelos foram “politizados”, com os dois lados polarizados e seus satélites reproduzindo absurdos e distraindo a população da política real (e até mesmo da política institucional, pois o aumento irrisório do salário-mínimo, a retirada de verbas para as universidades, e outras decisões de fim de ano passaram “desapercebidos” pelos crentes conservantistas e progressistas). E tudo isso convive com a persistência das formas aparentemente apolíticas do cientificismo, irracionalismo, entre outras manifestações culturais supostamente “neutras” que sempre existiram na sociedade capitalista. Porém, a antinomia direita-esquerda passa a predominar, através de uma simplificação e deformação do significado que essa oposição possuía há algum tempo atrás (Viana, 2022).

O significado dessa politização despolitizada precisa ser compreendido. A política aqui se divide em duas concepções que expressam forças políticas institucionais (candidatos, partidos, frentes partidárias, etc.) e, em parte, duas concepções moralistas que se digladiam, invadindo a cotidianidade. Ou seja, a política aqui é a institucional (eleições, governos, partidos, candidatos, etc.) que se expande para a moral e a vida cotidiana. Porém, é uma politização despolitizada. A despolitização se manifesta no processo de canalização da vida social para a política institucionalizada, na ignorância generalizada disfarçada de politização e, por fim, na criação de crenças políticas geradoras de adesões incondicionais e sensitivas⁵.

⁵ Sensitivas, aqui, é o que alguns denominariam “irracionais”. Porém, a ideia do irracional é problemática por supor que não há nenhum vínculo com a razão, no sentido amplo do termo, o que é impossível. A sensibilidade (ao invés

Antes de entrar nesses processos, é preciso recordar que a democracia burguesa é despolitizante por natureza. Contudo, a sua forma de despolitização é mais sutil e profunda. Os seus elementos permanecem na nova forma de despolitização que emerge no regime de acumulação integral, mas lhe torna ainda mais despolitizante e mais prejudicial por se apresentar como “política”. A despolitização mais profunda que está por detrás da atual e que é característica da democracia burguesa é o ocultamento do caráter de classe do aparato estatal, a incapacidade dos indivíduos e classes inferiores identificarem e lutarem por seus próprios interesses e de identificar os agentes políticos (institucionais e não institucionais, especialmente as classes sociais) e a dinâmica da luta política. A base dessa despolitização é derivada das características da episteme burguesa – desistoricização, destotalização/reducionismo e antinomismo –, mas ela se configura sob formas diferentes em épocas diferentes do capitalismo⁶.

A atual despolitização tem como base a despolitização anterior e ela é seu pressuposto, pois, caso contrário, o bloco progressista (“esquerda”) e o “bloco dominante” (“direita”) não conseguiriam evitar a luta de classes. Se a antinomia entre “esquerda” e “direita” fosse compreendida como luta de classes, uma guerra entre classe capitalista e classe operária, o bloco progressista teria que se vincular e defender a classe operária – o que fez no passado e agora é secundário no presente, pois pode se esconder através da “política de identidades”, subjetivismo e coisas semelhantes, e o bloco dominante (que é constituído pelas forças conservadoras em geral, quer se chamem de republicanos, liberais, democratas cristãos, nacionalistas, etc.) teria que se colocar contra os trabalhadores em geral e contra o proletariado em particular. Em resumo, a despolitização contemporânea é uma sobreposição de uma despolitização sobre outra despolitização e que, aparentemente, é mais politizadora e trata de “política”, mas, no fundo, é um aprofundamento e afastamento ainda maior da política real, ou seja, da luta de classes.

A canalização da vida social para a política institucional tem um duplo caráter despolitizante. O primeiro aspecto desse processo é que a vida passa a girar em torno da política

de irracionalidade) é composta pelos elementos do subconsciente (sentimentos, inconsciente, sombra, etc.). Um indivíduo pode odiar outro indivíduo e ter consciência relativa disso e vai agir de acordo com seus sentimentos antipáticos. O que move o indivíduo é o seu sentimento, que ele ter consciência parcial, mas, ao mesmo tempo, pode não ter consciência das razões do ódio, de que suas ações são comandadas por ele, etc. É por isso que o termo “sensitivo”, aqui, substitui o que alguns denominam “irracional”, pois não existe uma ausência total de racionalidade, a não ser em caso de distúrbios psíquicos graves.

⁶ O anistorismo, antinomismo e reducionismo são explicados na obra *O Modo de Pensar Burguês* (Viana, 2018), assim como o conceito de “episteme burguesa”. A configuração contemporânea da episteme burguesa é o paradigma subjetivista, cuja explicação se encontra na obra *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas* (Viana, 2019).

institucional, local de manipulação e de criação de ilusões para a população, no qual setores da classe dominante – com as classes auxiliares buscando algumas migalhas para si – se digladiam para impor seus interesses e concepções. O segundo é que isso desvia a população da verdadeira política que é a luta de classes e assim a desgastada e deslegitimada democracia burguesa consegue reviver e a prova mais cabal disso é que até supostos “anarquistas” entram em campo para lutar contra um fascismo inexistente e a favor de progressistas neopopulistas, bem como pessoas das classes inferiores assumirem esse lado ou o seu oposto, especialmente por causa da oposição ao moralismo subjetivista, assim apoiando o conservantismo ou liberal-conservantismo. O desgaste da democracia burguesa, por sua vez, é canalizado por setores do conservantismo que passam a defender ideias estapafúrdias como “intervenção militar”, por exemplo.

Isso permite a manipulação de setores despolitizados da sociedade que se julgam politizados, reproduzindo desde crenças conspiracionistas até ideologias pseudocientíficas. O exemplo máximo foi a última eleição presidencial, que, no segundo turno, um lado acusava o outro de ser o que não é (comunistas e fascistas), o que foi reproduzido por muitos e, o mais espantoso, foi que setores da chamada “esquerda”, da juventude e ativistas, considerados mais “politizados”, reproduziam esses clichês falsos e manipuladores. Sem dúvida, isso assume formas diferentes em distintos setores da população. Existem, por exemplo, alguns despolitizados “refinados” e tentativa de definir fascismo ou falar em neofascismo, alguns por puro oportunismo e outros por sincera busca de explicar os fenômenos contemporâneos a partir das representações cotidianas e chavões do progressismo.

Ao lado disso emerge uma ignorância generalizada disfarçada de politização. Trechos de discursos, vídeos curtos de pessoas de baixa formação intelectual nas redes sociais virtuais, clichês e chavões repetidos exaustivamente na internet, passam ser fontes dessa “politização despolitizada”. Alguns usam suposto “saber científico” para fazer seus discursos despolitizadores a favor de A ou B, incluindo cientistas sociais sem grande competência, estudantes universitários, jovens que leem coisas superficiais e já se consideram entendidos no assunto, profissionais de diversas áreas, entre outros, tornando-se “fontes” e “referências” de muitas outras pessoas. Aqui se une “influenciadores ignorantes” e “influenciados ignorantes”. Alguns dos primeiros emergem com supostas pesquisas científicas que, supostamente, provaram coisas X ou Y, criando um verdadeiro mundo de suposições apresentado como mundo de verdades estabelecidas

cientificamente⁷. Ambos (influenciadores e influenciados) são ignorantes⁸, mas os primeiros se consideram os mais politizados e conhecedores das questões políticas e os demais se dividem entre os crentes que seguem fielmente os seus influenciadores preferidos e os que são menos entusiasmados com o show pirotécnico das redes sociais virtuais, mas que reproduzem ou aceitam grande parte do que “consomem”. A simplificação e manipulação geral é um processo comum e facilitado nesse ambiente de despolitização supostamente politizada que reina hoje.

E isso abre espaço para a criação de crenças políticas geradoras de adesões sensíveis e incondicionais. As crenças políticas subscientes se formam a partir de determinados sentimentos, valores, etc., que funcionam bem nos casos de polarização de dois partidos, posições políticas, religiões, etc. Elas criam apegos e aversões. O apego é em relação ao lado que se defende, sob forma incondicional e acrítica, passando por cima de informações, contradições, etc., bem como a aversão é em relação ao adversário e igualmente ignorando informações, contradições, etc. O maniqueísmo toma conta das mentes de milhares (talvez milhões) de pessoas. Esse é o caso das pessoas que julgam e classificam todos os demais, que não estão a favor de nenhum desses dois lados, como se fossem adeptos do adversário, tão somente por não apoiar o seu lado, mesmo que tenha criticado ambos. “Quem não é por nós, é contra nós”⁹. Assim, outros lados além dos dois em disputa, que existem efetivamente, são simplesmente descartados como “inexistentes”. Isso gera um apoio sensível e incondicional. A racionalidade é obliterada e por isso dificilmente se muda de opinião sobre algo vinculado aos lados em disputa e informações, argumentos, etc.,

⁷ O nosso foco aqui é o político, mas não é apenas nesse âmbito que isso ocorre. Em assuntos de psicologia, psicanálise, economia, saúde, vida cotidiana, os “influenciadores” (ou para os adeptos dos estrangeirismos “*influencers*”, de uso sem sentido por existir equivalente em idioma português) reproduzem clichês e chavões, leituras superficiais de artigos supostamente “científicos” e obras de autores, embrulhados em papel de presente que dita o discurso (de orientação cientificista-positivista, subjetivista, entre outras possibilidades e concepções semelhantes) ideológico e axiológico, em ambos os casos.

⁸ Aqui a palavra ignorante não é um xingamento ou mero adjetivo pejorativo. Ignorante aqui significa aquele que ignora. É um termo de sentido próximo ao de “insciente”, mas não exatamente igual. A diferença entre insciente (não-consciente) e ignorante é que o primeiro é um termo descritivo e o segundo é uma caracterização. No primeiro caso, temos a afirmação de que “João está insciente (ou seja, não está ciente, ou consciente) das consequências de suas ações” e, no segundo, “João é ignorante sobre questões políticas”. Todos somos inscientes de milhões de coisas. Somos conscientes de poucas coisas em comparação com tudo que existe no mundo e somos inscientes sobre quase tudo. Agora, ser ignorante não é uma questão de falta de informação ou saber e sim uma questão de predisposição aliado ao processo anterior. Um indivíduo pode estar insciente de milhares de coisas e, sobre a maioria delas, poderá facilmente se tornar ciente (consciente). Um indivíduo ignorante se recusa a admitir ou aceitar determinadas informações ou reflexões. Sem dúvida, é possível usar o termo “ignorante” no sentido descritivo também e aí é o contexto que delimita isso.

⁹ Essa frase é atribuída à Bíblia, mas isso é contestado e alguns afirmam que Jesus disse o contrário: “quem não é contra nós está a nosso favor”, ou seja, “quem não é contra nós é por nós” (Marcos 9:40).

perdem sua capacidade de intervenção e geração de mudança. Em muitos casos, a sensibilidade faz com que o indivíduo aja contra seus próprios interesses pessoais.

A politização despolitizada se torna predominante. Assim, as pessoas nunca se envolveram tanto com política quanto hoje, e nunca se entendeu tão pouco de política. Uma quantidade mínima da população tem uma consciência mais ampla sobre os processos de funcionamento da democracia representativa, poucos conhecem história política (mundial e nacional), poucos dominam conceitos políticos e conhecem as diversas concepções políticas existentes (embora muitos julgam conhecer, seja vendo vídeos de fontes duvidosas no youtube ou autores desqualificados de livros e manuais), quase ninguém sabe o que é, concretamente¹⁰, o marxismo, o comunismo, o fascismo, bem como as diversas interpretações e definições diferenciadas.

Aliás, existem casos que nem os acontecimentos políticos que envolvem os seus ídolos ou inimigos são conhecidos, tal como uma pessoa disse certa vez, ansioso por defender Lula e atacar Bolsonaro: “ele defende até estupro”. Aqui o absurdo reina absoluto. A ideia, sem base concreta nenhuma, emergiu de uma entrevista de Bolsonaro no qual ele, agressiva e pateticamente, afirmou que não estupraria a deputada Maria do Rosário (que atrapalhava sua entrevista jornalística no qual discutia a proposta dele de “castração química” de estupradores) por ela “não merecer”. Ou seja, a pessoa que defende castração química de estupradores, no discurso de um adepto da crença política no lulismo, se transforma em “estuprador” (o que, aliás, foi afirmado pela deputada). Porém, essa pessoa voltou atrás após os acontecimentos efetivos serem rememorados. Não se trata, obviamente, de defender Bolsonaro, mas de compromisso com a verdade. E os defensores de ambos os lados, contemporaneamente e na maioria dos casos, não estão preocupados com verdades e acontecimentos efetivos e passam por cima deles com a maior facilidade. Claro que tem os casos ainda mais exagerados de invenção e criação de factoides (hoje denominados “fake News”) para travar sua “guerra santa” maniqueísta ou defender interesses egoístas. As exceções são aqueles que conseguem, mesmo sendo adepto de alguns dos dois lados polarizados, manter a racionalidade e, principalmente, dos que estão fora dessa disputa.

Em síntese, esse é o processo de politização despolitizada. No Brasil, se manifesta sob várias formas, mas a mais facilmente perceptível foi a polarização entre bolsonaristas e lulistas.

¹⁰ Concretamente, aqui, quer dizer, “na realidade concreta”, pois a maioria não tem saber histórico sobre tais concepções e se limitam a acreditar em discursos de adversários ou em usos oportunistas, que é reforçado por intelectuais sem ética e que foram agora também “politizados sob forma despolitizada” e passaram a defender um lado acriticamente e sem nenhum compromisso com a verdade.

Todos os elementos acima se encontram nesse caso. Nos Estados Unidos um processo semelhante ocorre, assim como, em menor grau, ao que tudo indica, em outros países. O que interessa, no final das contas, além de identificar e explicar o fenômeno, é como resolver o problema que ele manifesta, ou seja, como combater a politização despolitizada? Ela está envolvida com outras questões, como a hegemonia do paradigma subjetivista, os efeitos deletérios da internet e redes sociais virtuais, a decadência educacional contemporânea, entre diversos outros fenômenos socioculturais¹¹. A resolução desse problema dificilmente ocorrerá no interior da sociedade capitalista. O que se pode realizar, nesse contexto, é uma luta cultural voltada para diversos setores da sociedade e distintas questões sociais, como a luta contra o subjetivismo, contra os usos acrítico e problemáticos da internet e por sua politização real, pela renovação do uso das redes sociais virtuais, por uma renovação educacional, contra o conservantismo e o conservadorismo em geral e contra o progressismo em todas as suas vertentes, contra o neoliberalismo, a favor da reorganização do bloco revolucionário, tendências revolucionárias e pela autonomização do proletariado e das demais classes sociais inferiores.

Essa luta cultural é bastante ampla e engloba diversas outras ações e envolve também a luta teórica, artística, etc. E ela deve ocorrer vinculada às lutas sociais e proletárias, o que traz uma gama enorme de novas questões e ações. Esse processo é inevitável, pois a complexidade da sociedade capitalista promove uma complexidade da luta, cuja simplificação – extremamente comum nos meios progressistas – acaba elegendo “inimigos imaginários”, posições dogmáticas e moralistas, especificismos¹² e diversos outros problemas que acabam influenciando negativamente setores da juventude, dos movimentos sociais e das classes inferiores. A dinâmica da luta de classes é um aspecto que será crucial no processo de luta cultural e superação da despolitização atual. A reemergência da luta operária é um elemento decisivo, bem como a radicalização das lutas sociais no sentido de promover a superação dos especificismos, ideologias, subjetivismo, etc. A luta contra a politização despolitizada é, no fundo, a luta revolucionária em geral, mas buscando atingir alguns objetivos específicos e questões determinadas ao lado da luta geral pela transformação radical e total das relações sociais.

¹¹ Não é preciso afirmar que esses elementos estão relacionados. A decadência educacional tem como uma de suas principais fontes a hegemonia subjetivista, por exemplo, que se manifesta nas concepções pedagógicas contemporâneas, desde o famigerado construtivismo até práticas concretas em escolas a partir da moral subjetivista.

¹² Para uma crítica ao especificismo, cf. Tardieu (2022) e ao moralismo subjetivista cf. Viana (2023).

REFERÊNCIAS

GUÉRIN, Daniel. *O Futuro Pertence ao Socialismo Libertário*. Porto Alegre, Edições Proa, 1969.

TARDIEU. Serge. Crítica ao Especifismo. *Revista Marxismo e Autogestão*. [S. l.], v. 1, n. 02, 2022. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rma/article/view/927>. Acesso em: 28 dez. 2025.

VIANA, Nildo. *A Minoria Elege Dilma Roussef e a Ilegitimidade Continua*. Disponível em: <http://informecritica.blogspot.com.br/2010/11/minoria-elege-dilma-roussefe.html> Acesso em: 01 de novembro de 2010.

VIANA, Nildo. Crítica à Moral Subjetivista. *Revista Enfrentamento*. Vol. 18, num. 29, 2023. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/renf/article/view/1460>. Acesso em: 28 dez. 2025.

VIANA, Nildo. Direita e Esquerda: Duas Faces da Mesma Moeda. *Revista Marxismo e Autogestão*. Vol. 07, num. 10, 2022. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rma/article/view/1013>. Acesso em: 29 dez. 2025.

VIANA, Nildo. *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*. Curitiba: CRV, 2019.

VIANA, Nildo. *O Modo de Pensar Burguês*. Episteme Marxista e Episteme Burguesa. Curitiba: CRV, 2018.